

Resumo: O Ano Sacerdotal tem como objetivo fortalecer humana, espiritual e pastoralmente a pessoa do presbítero e o exercício do seu ministério, de modo que melhor possam servir a Igreja. São João Maria Vianey é um particular exemplo de “fidelidade a Cristo, fidelidade do sacerdote”, exemplo de identificação com o próprio ministério. Nesse sentido, os presbíteros são convidados a aprofundarem sua própria identidade, vinculada ao serviço à Igreja, à concepção ontológica que os relaciona com a eucaristia que celebram, à evangelização contextualizada do povo de Deus. É fundamental para isso o desenvolvimento de uma espiritualidade sacerdotal que sustente a caridade pastoral, de modo que a santificação do presbítero contribua para a santificação das comunidades que ele acompanha.

Abstract: The year dedicated to the priesthood intends to strengthen spiritually and foster the Pastoral service of the priest and his ministry so as to improve the service rendered to the Church. Saint John Mary Vianey is singled out as an example of “fidelity to Christ” and thus he is outstanding in the practice of the virtue of fidelity by embracing his ministry. In this sense every priest is invited to deepen his identity linked to the service of the Church and attached to the ontological principle related to the Eucharist he celebrates and the evangelization centered in the People of God. Therefore, fundamental to the priesthood is the growth in priestly spirituality which sustains the virtue of charity in pastoral service so that the sanctification of the presbyter will contribute to the sanctification of the communities of faith entrusted to him.

Ano Sacerdotal

Junho de 2009 a junho de 2010

*Reginaldo de Lima**

* O Autor é Sacerdote e Assessor da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada – CNBB.



“O Sacerdócio é o amor do coração de Jesus”
(São João Maria Vianney)



O objetivo deste Ano Sacerdotal, como escreveu o Papa Bento, na carta enviada aos sacerdotes por ocasião da abertura do Ano Sacerdotal¹, consiste em favorecer o fortalecimento de cada presbítero até a perfeição espiritual da qual depende, sobretudo a eficácia de seu ministério, ajudar os sacerdotes e, com eles, todo o Povo de Deus, a redescobrir e revigorar a consciência do extraordinário e indispensável dom da Graça que o ministério ordinário representa para quem o recebeu, para toda Igreja e para o mundo, que sem a presença real de Cristo, estaria perdido.

O Papa quer na figura de São João Maria Vianney oferecer aos sacerdotes do mundo inteiro o exemplo de “fidelidade a Cristo, fidelidade do sacerdote”, de modo que cada qual possa encontrar na vida de Vianney elementos que os ajude a viver o próprio ministério. A Providência divina fez que sua figura se aproximasse da de São Paulo. Enquanto de fato se está concluindo o Ano Paulino, dedicado ao apóstolo das gentes, modelo extraordinário de evangelizador que realizou diversas viagens missionárias para difundir o Evangelho, este novo ano jubilar nos convida a olhar um pobre agricultor convertido em humilde pároco, que realizou seu serviço pastoral em um pequeno povoado. Se os dois santos se diferenciam muito pelos trajetos de vida que os caracterizaram – um viajou de região em região para anunciar o Evangelho, o outro acolheu milhares e milhares de fiéis permanecendo sempre em sua pequena paróquia –, há no entanto algo fundamental que os une: sua total identificação com seu próprio ministério, sua comunhão com Cristo que fazia Paulo dizer: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2, 20). Já São João Maria Vianney gostava de repetir: “Se tivéssemos fé, veríamos Deus escondido no sacerdote como uma luz atrás do cristal, como o vinho mesclado com a água”.²

¹ BENTO XVI, proclamação do ano sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do *Dies Natalis* do santo cura d’Ars (16.06.2009).

² Cf. BENTO XVI, Catequese na Audiência Geral de 24 de junho de 2009, Porque um Ano Sacerdotal: *L’Osservatore Romano*, edição semanal em português.



Ao propor São João Maria Vianney como modelo no ministério sacerdotal, o Santo Padre não tem a intenção de reduzir as experiências dos ministros sagrados a esse modelo, mas convidá-los a descobrir em seu tempo e espaço como pode exercer o ministério na fidelidade a Cristo. Indubitavelmente, mudaram as condições históricas e sociais nas quais se encontrou o cura d’Ars e é justo se perguntar como os sacerdotes podem imitá-lo em sua identificação com seu próprio ministério nas atuais sociedades globalizadas. Num mundo em que a visão comum da vida compreende cada vez menos o sagrado, em cujo lugar o “funcional” converte-se na única categoria decisiva, a concepção católica do sacerdócio poderia correr o risco de perder sua consideração natural, inclusive dentro da consciência eclesial. Não é casual que tanto nos ambientes teológicos como também na prática pastoral concreta e de formação do clero, contrastam-se, e inclusive se opõem, duas concepções diferentes do sacerdócio.

A grande questão que se põe hoje é a identidade e o papel dos sacerdotes. A sociedade contemporânea tem lançado aos sacerdotes desafios que exigem deles uma resposta clara e objetiva em questões de ordem moral e social. Por vezes o sacerdote no desejo de corresponder aos desafios que se lhe apresenta assume posicionamentos que podem dificultar o reconhecimento de sua missão. Por um lado existe uma concepção social-funcional que define a essência do sacerdócio com o conceito do ‘serviço’: o serviço à comunidade, na realização de um função... Por outro lado, está a concepção sacramental-ontológica, que naturalmente não nega o caráter de serviço do sacerdócio, mas que o vê ligado ao ser do ministro e considera que este ser está determinado por um dom concedido pelo Senhor através da mediação da Igreja, cujo nome é sacramento. Também a mutação terminológica da palavra “sacerdócio” para o sentido de “serviço, ministério, encargo” é sinal desta concepção diferente. A concepção ontológica-sacramental está ligada ao primado da Eucaristia, no binômio “sacerdócio-sacrifício”, enquanto que a outra corresponderia ao primado da palavra e do serviço do anúncio.³

Bem observadas, não se trata de duas concepções contrapostas, e a tensão que, contudo existe entre elas deve-se resolver a partir de dentro. Assim, o decreto *Presbyterorum ordinis* do Concílio Vaticano II afirma: “Com efeito, o Povo de Deus é convocado e reunido pela virtude da

³ Cf. J. RATZINGER, *Ministério e vida do sacerdote*, em Elementi di Teologia fondamentale. Saggio su fede e ministero, Brescia 2005, p.165.



mensagem apostólica, de tal modo que todos quantos pertencem a este Povo, uma vez santificados no Espírito Santo, se ofereçam como «hóstia viva, santa e agradável a Deus» (Rom. 12, 1). Mas é pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, até quando mesmo Senhor vier” (n. 2).

Obviamente a missão do sacerdote não é outra senão evangelizar. Diante desta missão se faz necessário conhecer o que de fato é evangelizar e de que modo o anúncio se faz. O sacerdote não pode considerar a evangelização como uma simples conservação da pastoral, visto que o campo de atuação se alarga com as novas realidades e condições assumidas atualmente. Jesus fala do anúncio do Reino de Deus como do verdadeiro objetivo de sua vinda ao mundo e seu anúncio não é apenas um “discurso”. Inclui, ao mesmo tempo, seu próprio atuar: os sinais e os milagres que Ele realiza indicam que o Reino vem ao mundo como realidade presente, que coincide em último termo com sua própria pessoa. Neste sentido, é obrigatório recordar que, também no primado do anúncio, palavra e sinal são inseparáveis. A pregação cristã não proclama “palavras”, mas a Palavra, e o anúncio coincide com a própria pessoa de Cristo, ontologicamente aberta à relação com o Pai e obediente a sua vontade. Portanto, um autêntico serviço à Palavra requer por parte do sacerdote que tenda a uma abnegação profunda de si mesmo, até dizer com o apóstolo: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim”. O presbítero não pode considerar-se “amo” da palavra, mas servo. Ele não é a palavra, mas, como proclamava João Batista é “voz” da Palavra: “Uma voz clama no deserto: Traçai o caminho do Senhor, aplanai as suas veredas” (Marcos 1, 3). Agora, ser “voz” da Palavra não constitui para o sacerdote um mero aspecto funcional. Ao contrário, pressupõe um substancial “perder-se” em Cristo, participando em seu ministério de morte e de ressurreição com todo o próprio eu: inteligência, liberdade, vontade e oferecimento dos próprios corpos, como sacrifício vivo (Cf. Romanos 12,1-2). Apenas a participação no sacrifício de Cristo, em seu kenosis, faz autêntico o anúncio! E este é o caminho que deve percorrer com Cristo para chegar a dizer ao Pai junto com Ele: “não se faça o que eu quero, senão o que tu queres” (Marcos 14,36). O anúncio, portanto,



comporta sempre também o sacrifício de si, condição para que o anúncio seja autêntico e eficaz.⁴

Esta no imaginário dos fiéis leigos que o sacerdote é o *Alter Christus*. O sacerdote está profundamente unido ao Verbo do Pai⁵, que encarnando-se tomou a forma de servo, fez-se servo (Cf. Filipenses 2,5-11). O sacerdote é servo de Cristo, no sentido de que sua existência, configurada ontologicamente com Cristo, assume um caráter essencialmente relacional: ele está em Cristo, para Cristo e com Cristo ao serviço dos homens. Precisamente porque pertence a Cristo, o sacerdote está radicalmente ao serviço dos homens: é ministro de sua salvação, de sua felicidade, de sua autêntica libertação, amadurecendo, nesta assunção progressiva da vontade de Cristo. Esta é a condição imprescindível de todo anúncio, que leva à participação no oferecimento sacramental da Eucaristia e a obediência dócil à Igreja. Ser sacerdote encerra em si dupla compreensão. Para si ele é o servo que na medida em que está unido a Cristo, mas perfeitamente realiza sua missão. Para o outro, sem diminuir a sua relação com Cristo, é o outro Cristo, às vezes confundido como tal, de acordo com o modelo sacral pré-conciliar, em que o sacerdote era um “quase Deus”, distante e único mediador. Hoje temos a clareza, que Cristo é o mediador e o sacerdote é o servo que aproxima os fiéis do Mediador, Jesus Cristo.

Talvez, justamente, por essa visão sacral que ainda persiste em nossos tempo os fiéis esperam que os sacerdotes sejam, verdadeiramente, homens de Deus. É certo, que a expectativa a respeito dos sacerdotes não está equivocada, mas não se pode atribuir somente a ele essa responsabilidade, uma vez que o é de todo batizado. O santo cura d’*Ars repeta* frequentemente com lágrimas nos olhos: “Que medo de ser sacerdote!”. E acrescentava: “Que infeliz é um sacerdote sem vida interior!”. O sacerdote que perde seu encanto pelo senhor deixa de ser sacerdote, não ontologicamente, não ministerialmente. O encanto é que nos faz agir em nome de. Quando temos um amigo, nos preocupamos com ele, queremos

⁴ Cf. BENTO XVI, Catequese na Audiência Geral de 24 de junho de 2009, *Porque um Ano Sacerdotal: L’Osservatore Romano*, edição semanal em português.

⁵ Pelo Sacramento da Ordem os Presbíteros se configuram com Cristo Sacerdote, na qualidade de ministros da Cabeça, para construir e edificar todo o seu Corpo que é a Igreja, como cooperadores da Ordem Episcopal. De fato, já na consagração do batismo receberam, como todos os cristãos, o sinal e o dom de tamanha vocação e graça que, mesmo na fraqueza humana, pudessem e devessem lutar pela perfeição (*Presbyterorum Odisis*, n.12).



conhecê-lo sempre mais, entrar em sua vida e deixá-lo entrar em nossa vida. O sacerdote deve ser o eterno amigo de Cristo, ser fiel a Cristo, assim como Cristo é fiel. O encanto por ele nos permite viver fielmente.⁶

A configuração sacramental a Jesus Cristo⁷ impõe ao sacerdote um novo motivo para alcançar a santidade, devido ao ministério que lhe foi confiado, que é santo em si mesmo. Não significa que a santidade, a que são chamados os sacerdotes, seja subjetivamente maior do que a santidade a que são chamados todos os fiéis cristãos em virtude do batismo. A santidade é sempre a mesma, embora com diversas expressões, mas o sacerdote deve tender a ela por um novo motivo⁸: para corresponder àquela nova graça que o configurou para representar a pessoa de Cristo, Cabeça e Pastor, como instrumento vivo na obra da salvação. No exercício do seu ministério, portanto, aquele que é “*sacerdos in aeternum*” deve esforçar-se por seguir em tudo o exemplo do Senhor, unindo-se a Ele “na descoberta da vontade do Pai e no dom de si mesmos e na doação de si mesmos ao rebanho”. Sobre esse alicerce de amor à vontade divina e de

⁶ Cf. BENTO XVI, Catequese na Audiência Geral de 24 de junho de 2009, Ano Sacerdotal.

⁷ Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens (cfr. Hebr. 5, 1-5), fez do novo povo um «reino sacerdotal para seu Deus e Pai» (Ap. 1,6; cfr. 5, 9-10). Na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cfr. 1 Ped. 2, 4-10). Por isso, todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando a Deus (cfr. At., 2, 42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus (cfr. Roma 12,1), dêem testemunho de Cristo em toda a parte e àqueles que lhe pedirem dêem razão da esperança da vida eterna que neles habita (cfr. 1 Ped. 3,15). O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo (16). Com efeito, o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo o papel de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real (17), que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa (*Lumen Gentium*, n.10).

⁸ Os sacerdotes, porém, se vêem obrigados por um título especial a atingir tal perfeição, pelo fato que eles, consagrados a Deus de modo novo pela recepção da Ordem, se transformam em instrumentos vivos de Cristo Eterno Sacerdote, a fim de poderem ao longo dos tempos completar a obra admirável d'Ele, que reintegrou com a eficiência do alto toda a sociedade dos homens. Como, pois cada sacerdote, a seu modo faz às vezes da pessoa de próprio Cristo, é também enriquecido por uma graça peculiar, para que, no serviço aos homens a ele confiados e de todo Povo de Deus (*Presbyterorum Ordinis*, n.12).



caridade pastoral se constrói a *unidade de vida*, ou seja, a *unidade interior* entre vida espiritual e atividade ministerial. O crescimento desta unidade de vida fundamenta-se na caridade pastoral, nutrida por uma sólida vida de oração, de tal modo que o presbítero seja inseparavelmente testemunha de caridade e mestre de vida interior.⁹ O sacerdócio ministerial, na medida em que configura ao ser e ao operar sacerdotais de Cristo, introduz uma novidade na vida espiritual de quem recebeu este dom. É uma vida espiritual conformada através da participação do senhorio de Cristo na sua Igreja e que matura no serviço ministerial à Igreja: uma santidade no ministério e pelo ministério. O aprofundamento da “consciência de ser ministro” é, portanto, de grande importância para a vida espiritual do sacerdote e para a eficácia do seu próprio ministério.¹⁰

A relação ministerial com Jesus Cristo “fundamenta e exige no sacerdote um ulterior ligame que lhe é proporcionado pela “intenção”, ou seja, pela vontade consciente e livre de fazer, mediante o gesto ministerial, aquilo que a Igreja entende fazer¹¹. A expressão: “ter a intenção de fazer o que faz a Igreja” ilumina a vida espiritual do ministro sagrado, convidando-o a reconhecer a instrumentalidade pessoal ao serviço de Cristo e da Igreja, e a atuá-la nas ações ministeriais concretas. A “intenção”, neste sentido, contém necessariamente uma relação com o agir de Cristo Cabeça na e pela Igreja, adequação à sua vontade, fidelidade às suas disposições, docilidade aos seus gestos: o agir ministerial é instrumento do operar de Cristo e da Igreja, seu Corpo. Trata-se de uma vontade pessoal permanente: Uma tal ligação tende, pela sua própria natureza, a tornar-se o mais ampla e profunda possível, implicando a mente, os sentimentos, a vida, ou seja, uma série de disposições morais e espirituais correspondentes aos gestos ministeriais do padre.¹²

⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, n.10.

¹⁰ *Idem*, n. 12.

¹¹ Como ministros da Palavra de Deus, lêem todos os dias e escutam a palavra de Deus que aos outros tem de ensinar... Procurando o melhor modo de transmitir aos demais, o que contemplaram, chegarão a saborear mais a fundo a “insondável riqueza de Cristo” (Ef 3,8) e a sabedoria multiforme de Deus. Tendo diante dos olhos que é o Senhor que abre os corações e que sua superioridade não provém deles próprios, mas de Deus, no mesmo ato de transmitir o verbo se unirão mais intimamente com Cristo Mestre e serão guiados pelo seu Espírito (*Presbyterorum Ordinis*, n.13).

¹² *Ibidem*, n.13.



A espiritualidade sacerdotal¹³ exige que ele respire um clima de proximidade ao Senhor Jesus, de amizade e de encontro pessoal, de missão ministerial compartilhada, de amor e serviço à sua Pessoa na pessoa da Igreja, seu Corpo, sua Esposa. Amar a Igreja e doar-se a ela no serviço ministerial requer um amor profundo ao Senhor Jesus. “Esta caridade pastoral proflui, antes de mais nada, do Sacrifício Eucarístico que, por isso, se apresenta como centro e raiz de toda a vida do Presbítero, de sorte que a alma sacerdotal se esforçará por interiorizar o que na ara sacrificial se passa. Não se pode alcançá-lo porém, a não ser que os mesmos sacerdotes pela oração penetrem sempre mais intimamente no mistério de Cristo”.¹⁴ Na penetração de tal ministério vem em nossa ajuda a Virgem Santíssima, associada ao Redentor, pois “quando celebramos a Santa Missa, no meio de nós encontra-se a Mãe do Filho de Deus, e introduz-nos no mistério da sua Oferenda de Redenção. Desta forma, Ela torna-se mediadora das graças que, para a Igreja e para todos os fiéis brotam desta mesma Oferenda”. Com efeito, “Maria esteve associada, de modo singular, ao sacrifício sacerdotal de Cristo, compartilhando a Sua vontade de salvar o mundo mediante a Cruz. Ela foi a primeira e mais perfeita partícipe espiritual da Sua oblação de *Sacerdos et Hostia*. Como tal, pode obter e dar, àqueles que no plano ministerial participam no sacerdócio do seu Filho, a graça do impulso para responderem cada vez melhor às exigências da oblação espiritual, que o sacerdócio comporta: de modo particular, a graça da fé, da esperança e da perseverança nas provas, reconhecidas como estímulos a uma participação mais generosa na oferta redentora”.¹⁵

A Eucaristia deve ocupar para o sacerdote “o lugar verdadeiramente central no seu ministério”, porque ela contém todo o bem espiritual da Igreja e é fonte e ápice de toda a evangelização. Daí, a relevante importância da preparação à Santa Missa, da sua celebração quotidiana, da ação de graças e da visita a Jesus Sacramentado ao longo do dia!¹⁶ “Se quiserdes que os fiéis rezem de bom grado e com piedade dizia Pio XII ao clero de Roma precedei-os na igreja com o exemplo, rezando diante

¹³ Esta fidelidade à oração é, aliás, para o padre um dever de piedade pessoal, da qual a sabedoria da Igreja salientou muitos pontos importantes, como a oração mental cotidiana, a visita ao Santíssimo Sacramento o terço e o exame de consciência (João XXIII, *Sacerdotii Nostri Primordia*, n.27).

¹⁴ Concílio Vaticano II, Decreto *Presbiterorum Ordinis*, n.14.

¹⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, n.13.

¹⁶ Idem.



deles. Um sacerdote ajoelhado diante do tabernáculo, em atitude digna, em recolhimento profundo, é um modelo de edificação, uma advertência e um convite à emulação orante para o povo”.¹⁷ “... É bom demorar-se com Ele e, inclinado sobre o seu peito como o discípulo predileto (cf. *Jo* 13, 25), deixar-se tocar pelo amor infinito do seu coração. Se atualmente o cristianismo se deve caracterizar, sobretudo pela arte da oração, como não sentir de novo a necessidade de permanecer longamente, em diálogo espiritual, adoração silenciosa, atitude de amor, diante de Cristo presente no Santíssimo Sacramento?”¹⁸

O aprofundamento espiritual, motivo de reflexão neste ano sacerdotal, implica também o redescobrimento do sacramento da Penitência em seu significado profundo de encontro com Jesus. Ao proclamar o Ano Sacerdotal, o Papa, deseja ainda retomar por meio da vida e do ministério do Cura d’Ars o zelo pelo sacramento da reconciliação¹⁹, para tal ao longo deste Ano será oferecido um Diretório para os Confessores e Diretores Espirituais. “No seu tempo, o Cura d’Ars soube transformar o coração e a vida de muitas pessoas, porque conseguiu fazer-lhes sentir o amor misericordioso do Senhor. Também hoje é urgente igual anúncio e testemunho da verdade do Amor: *Deus caritas est* (*1Jo* 4, 8)”.²⁰

Ao receber aos participantes no curso sobre o foro interno promovido pela Penitenciária Apostólica, Bento XVI, assinalou que esta época, “por desgraça perde cada vez mais o sentido do pecado. Hoje é necessário fazer experimentar a quem se confessa aquela ternura divina com pecadores arrependidos que tantos episódios evangélicos mostram com intensa emoção”. Se referindo à pecadora perdoada que narra o Evangelho de São Lucas, sublinhou que “é eloqüente a mensagem deste episódio evangélico: a quem muito ama, Deus perdoador tudo. Quem confia em si mesmo e nos próprios méritos está como cego pelo seu próprio

¹⁷ JOÃO XXIII, *Sacerdotii Nostri Primordia*, n. 30.

¹⁸ JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, n.25.

¹⁹ BENTO XVI ressalta que “os sacerdotes não deveriam resignar-se nunca a ver vazios seus confessionários nem limitar-se a constatar a indiferença dos fiéis para este sacramento. Na França, em tempos do Santo Padre de Ars, a confissão não era nem mais fácil nem mais freqüente que em nossos dias, pois o vendaval revolucionário tinha arrasado desde muito tempo a prática religiosa. Mas ele tentou por todos os meios, na prédica e com conselhos persuasivos, que seus paroquianos redescobrissem o significado e a beleza da Penitência sacramental, mostrando-a como uma íntima exigência da presença eucarística” (Carta por ocasião da Abertura do Ano Sacerdotal, 16.06.2009).

²⁰ BENTO XVI, Carta por ocasião da Abertura do Ano Sacerdotal (16.06.2009).



ego e seu coração se endurece no pecado. Entretanto, quem reconhece que é débil e pecador confia em Deus e obtém d'Ele a graça e o perdão".²¹

Depois de destacar que hoje existe “uma certa aversão” pelo sacramento, o Papa assinalou que “quando se insiste somente na acusação dos pecados, que também se deve fazer e terá que ajudar aos fiéis a compreender a importância, corre-se o perigo de relegar a um segundo plano o que é fundamental, quer dizer, o encontro pessoal com Deus, Pai de bondade e de misericórdia”. O Santo Padre afirmou que os pastores e de modo especial os confessores devem esforçar por “ressaltar o laço estreito existente entre o sacramento da Reconciliação e uma vida orientada totalmente à conversão”, de modo que “a graça do sacramento sustente e alimente o compromisso de ser discípulos fiéis do Senhor. Perder este desejo incessante corre-se o risco de que a celebração do sacramento se converta em algo formal que não incide na vida cotidiana”.²²

Para o papa, João Paulo II, redescobrir esse sacramento exige, acima de tudo, o anúncio do amor do Pai, como fundamento da vida e da ação do cristão, no contexto da sociedade atual, onde com frequência se ofusca a visão ética da existência humana. Muitos perderam a dimensão do bem e do mal porque perderam o sentido de Deus, interpretando a culpa unicamente segundo perspectivas psicológicas ou sociológicas. Em segundo lugar, a pastoral deve dar um novo impulso a um itinerário de crescimento na fé, que sublinhe o valor do espírito e da prática penitencial em toda a vida cristã.²³

O convite à conversão constitui a conclusão vital do anúncio feito pelos apóstolos depois de Pentecostes. Nele, o objeto do anúncio fica totalmente explícito: já não é genericamente o “reino”, mas sim a obra mesma de Jesus, integrada no plano divino predito pelos profetas. Ao anúncio do que teve lugar com o Jesus Cristo morto, ressuscitado e vivo na glória do Pai, segue-lhe o premente convite à “conversão”, a que está ligada o perdão dos pecados. Tudo isto aparece claramente no discurso que Pedro pronuncia no pórtico de Salomão: “Deus deu cumprimento deste modo ao que tinha anunciado por boca de todos os profetas: que seu

²¹ Discurso do papa BENTO XVI aos participantes no curso sobre o foro interno organizado pela penitenciaria apostólica (07.03.2008).

²² Discurso do papa BENTO XVI aos participantes no curso sobre o foro interno organizado pela penitenciaria apostólica.

²³ JOÃO PAULO II, catequese na audiência geral de 15 de setembro de 1999 sobre o Sacramento da Reconciliação.



Cristo padeceria. Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que vossos pecados sejam apagados” (At 3,18-19). Este perdão dos pecados, no Antigo Testamento, foi prometido por Deus no contexto da “nova aliança”, que Ele estabelecerá com seu povo (cf Jr 31,31-34). Deus escreverá a lei no coração. Nesta perspectiva, a conversão é um requisito da aliança definitiva com Deus e ao mesmo tempo uma atitude permanente daquele que, acolhendo as palavras do anúncio evangélico, passa a formar parte do reino de Deus em seu dinamismo histórico e escatológico.²⁴

O sacramento da Reconciliação transmite e torna visível de maneira misteriosa estes valores fundamentais anunciados pela Palavra de Deus. Reintegra o homem no contexto salvífico da aliança e os torna a abrir à vida trinitária, que é diálogo de graça, circulação de amor, dom e acolhida do Espírito Santo.

Outro grande desafio apontado pelo Santo Padre para este Ano sacerdotal é a direção espiritual. Em tempos em que tudo é transitório a experiência cristã carece de fincar raízes o que de fato só é possível por meio de uma profunda comunhão com Deus na oração e no confronto com o diretor espiritual. Se por um lado persiste a exigência da direção espiritual, por outro se constata a escassez de sacerdotes que se sintam preparados para essa arte do acompanhamento espiritual. Hoje mais que nunca precisamos “de mestres de espírito sábios e santos: um importante serviço eclesial, para o que é necessária sem dúvida uma vitalidade interior que deve implorar-se como dom do Espírito Santo mediante a oração prolongada e intensa e uma preparação específica que se adquire com cuidado”.²⁵

Conclusão

Um ano inteiro dedicado aos sacerdotes, à sua santificação, por meio da oração de todo o povo de Deus, chamado a redescobrir a grandeza do dom recebido pelo Senhor e indispensável para a constituição da Igreja. A ligação entre Eucaristia e Igreja e entre Eucaristia e Sacerdócio, fundam as ligações entre sacerdócio e Igreja: onde não existem sacerdotes validamente ordenados, não existe a Igreja, mas simplesmente comunidades eclesiais, que se alegram na medida em que conservam a

²⁴ Idem.

²⁵ Bento XVI, Discurso na Plenária da Congregação do Clero (16.03.2009).



memória do Senhor e esperam a vinda, mas que, de fato, não têm, nem poderiam ter a presença sacramental, ou seja, real.

O Santo Padre, em sua caridade de Pastor universal, escreveu ao clero do mundo inteiro uma belíssima carta, que deve ser objeto de atenta meditação por parte de todos os sacerdotes. A Carta do Santo Padre mostra a chave de santidade de Vianney, e de cada sacerdote, no binômio “identidade-missão”. De fato cada sacerdote é chamado a progredir na imitação de Cristo que garante a fidelidade e a fecundidade do testemunho. A imitação de Cristo, que tem sua raiz na configuração ontológico-sacramental, recebida no sacramento da Ordem, é também um progressivo percurso da alma e da psique do sacerdote. Então a identidade sacerdotal não é somente um dato objetivo, a ser reconhecido sacramentalmente, mas se torna progressivamente, uma evidência, tanto para o povo santo de Deus, que reconhece com sobrenatural intuição tais sacerdotes, tanto pelo ministro próprio que afirma, na simplicidade e fidelidade da própria existência: “Não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20).

Endereço do Autor:

CNBB
Setor de Embaixadas Sul,
Qd. 801 – Conj. B
70401-900 Brasília, DF